Aula 2

NAS ENTRELINHAS DA HISTORIOGRAFIA COLONIAL

META

Identificar os principais eixos temáticos da historiografia colonial através das obras apresentadas nesta aula.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer informações fundamentais sobre quem relatou e descreveu os primeiros séculos da história do Brasil, assim como sobre a produção historiográfica referente à cultura e a sociedade no período colonial.

PRÉ-REQUISITOS

Ter lido e compreendido sobre a aula anterior versando sobre os aspectos fundamentais da historiografia.

Maria Nely dos Santos

INTRODUÇÃO

Meu caro aluno, minha cara aluna, espero , que a experiência inicial de vocês com a Historiografia Brasileira tenha sido produtiva, enriquecedora e convidativa. E, agora, cá estamos para outra conversa super interessante. Antes, quero lhes asseverar uma coisa: se não pode faltar à produção histórica conhecimento teórico, metodologia adequada e interpretação inteligente, muito menos à historiografia, "exame de consciência do historiador" na definição feliz de Fernando Novais, autor do "Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial".

Sei que leu, assimilou e, sobretudo, compreendeu o que lhe foi transmitido. Ao término da aula anterior citaremos alguns caminhos para o estudo da evolução da história da historiografia.

Diante da explosão de tantas obras publicadas, é impossível ver e analisar toda a bibliografia geral e de uma especialidade. Portanto, para você acompanhar a temporalidade das obras e seus autores escolhemos a classificação cronológica sugerida por Francisco Iglesias (1500-1986), como também campos de estudos da História. Daí em diante, trabalharemos com a historiografia temática, objetivando que você tenha uma noção exata da trajetória e percursos, tendências e perspectivas da Historiografia.

Bem vindos à aula!

HISTORIOGRAFIA COLONIAL

Escolhendo essa ou aquela temática, muitos escreveram sobre o país a partir dos três períodos clássicos da História do Brasil: colônia, império e república. Dito dessa maneira e nessa ordem, passemos a indagações de ordem prática: em se tratando da historiografia sobre a colônia, que obras podem e devem ser selecionadas que possibilitam conhecer e perceber as várias interpretações sobre o Brasil pós-descobrimento? Que escritos foram deixados pelos cronistas coevos, os intelectuais da colônia a exemplo dos jesuítas e os viajantes, de que maneira conversar no presente, sobre o que foi dito e pensado sobre o Brasil há mais de cinco séculos atrás? Dado que é impossível e pouco producente inventariar e comentar acerca de Pero Vaz de Caminha, Pero Lopes de Souza, Pero de Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Souza, Ambrósio Fernandes Brandão, Antônio José Andreoni, Antonil, Fernão Cardim, José de Anchieta, Antônio Vieira, André Thevet, Jean de Lery, Jorge Benci e outros, tracei um roteiro com dois percursos. O primeiro é saber do Brasil do séc XVI captando as impressões deles, através de trechos selecionados do capítulo III da Ideologia e Escravidão, de Ronaldo Vainfas. Publicado em 1986, o livro aborda os escritos de quatro letrados, todos religiosos que produziram obras fundamentais para o conhecimento do escravismo na América Portuguesa.

> Construída ao sabor das circunstâncias imediatas, a literatura colonial foi, decerto, heterogênea, variando a qualidade das narrativas, a sutileza das dramatizações, a profundidade das reflexões.
> A literatura então produzida constitui, muitas vezes um material informativo sobre as potencialidades da terra, seus recursos e habitantes, escrita em forma narrativa, como o TRATADO de Gabriel Soares, ou polêmica com os DIÁLOGOS de Ambrósio Fernandes Brandão. Noutros casos, tratou-se de literatura religiosa, expressiva na catequese – os autos -, ou a ela relacionada, onde incluiríamos as CARTAS jesuíticas do período.
> Nas crônicas e tratados gerais sobre as riquezas do Brasil sobressai o tom apologético, o exagero quanto aos benefícios que a exploração colonial podia render aos colonos e à metrópole. Literatura superlativa e laudatória aos recursos naturais oferecidos no território, reveladora de um deslumbramento com o projeto colonizador. Em Gandavo, por exemplo, a Província de Santa Cruz aparece "deliciosa e fresca em grande maneira" e "nunca nela se sente frio nem quentura excessiva".
> [...] O mesmo se observa em Gabriel Soares, cuja pretensão era de mostrar aos rei "a grandeza, fertilidade e outras grandes partes que tem a Bahia ... e demais Estados do Brasil. E Ambrósio Fernandes Brandão é mais enfático no elogiar a terra do Brasil. "tão frutífera no produzir que infinidade de estacas de diversos paus, metidas na terra, cobram e em breve tempo chegam a dar fruto".
> [...] O que se viu nos escritos laicos aparece também em textos de sacerdotes: o mesmo tour apologético, a mesma hipérbole das condições naturais. Para Frei Vicente do Salvador, o Brasil era o "mais abastado de mantimentos de quantas terras há no mundo, porque nele se dão os mantimentos de todas as outras". E o jesuíta Fernão Cardim considerava o clima "temperado de bons, delicados e salutíferos ares", as serras "altíssimas" e mui "fragosas", os céus "puros e claros" e, no mais, era "a terra farta, principalmente de gados e açucares".
> Enfim, as primeiras letras da colônia expressará, uma atmosfera de deslumbramento com a terra brasileira e uma intensa religiosidade, deduzidas as motivações áulicas dos leigos e o pragmatismo dos sacerdotes. (VAINFAS, 1986 pgs 65/68).

Quanto ao segundo percurso, levando em conta a abordagem e a perspectiva, selecionei textos das historiadoras Laima Mesgravis e Laura de Melo e Souza, a fim de chamar a atenção para o balanço historiográfico disponível no trabalho de ambas, tanto sobre história social, quanto da cultura.

Em a "*Brasileira e a Sociedade Historiografia Colonial*, a primeira autora ressalta alguns aspectos tais como: a) os "brasilianistas" Robert Southey, John Armitage e Heirunch Handelmann se anteciparam aos brasileiros na elaboração de uma História do Brasil; b) o uso de fontes documentais, no século XIX, por autores como Varnhagen, Capistrano de Abreu e outros

ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ao pesquisarem temas de História do Brasil; c) o trabalho de busca e divulgação pelo IHGB de manuscritos esquecidos ou esgotados e inclusive o de "revelação de inúmeros cronistas e memorialistas que constituem, a base das informações sobre a vida colonial". (MESGRAVIS, 2011: 39).

O AUTOR E A SUA OBRA

Historia da prouincia sa[n]cta Cruz a qui' vulgarme[n]te chamam Brasil – (Fonte: http://purl.pt).

Pouco se sabe da vida de Pero Magalhães Gândavo, natural de Braga, filho de pai flamengo, ignoram-se as datas do seu nascimento e morte, mas pensa-se que ainda vivesse em 1576, ano em que foi impressa a Historia.

Humanista distinto, versado em latim e redigindo com grande facilidade, foi professor na região entre Douro e Minho, tendo conhecido a obra de autores seus contemporâneos como Sá de Miranda, João de Barros, André de Resende e Camões, este último colaborou, com certo número de tercetos e um soneto, na edição da Historia.

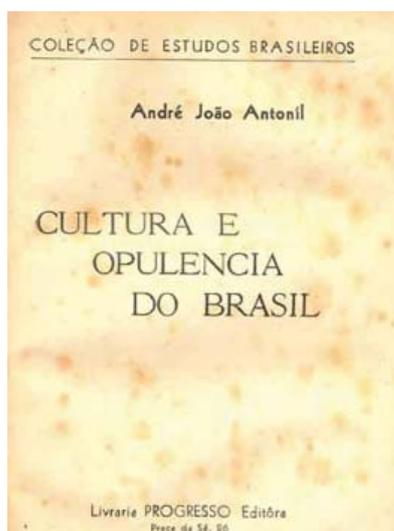
Publicou, em 1574, as Regras que ensinam a maneira de escrever a ortographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que adiante segue em defensam da mesma lingua (RES. 4336 P.), uma das primeiras gramáticas portuguesas e O Tratado da Província do Brasil, talvez escrito em 1569 embora só aparecido em 1826 no 4º vol. da Colecção de notícias para a historia da Geografia das nações ultramarinas.

Permaneceu no Brasil algum tempo onde se sabe que D. Sebastião, por alvará de 29 de Agosto de 1576, o nomeou provedor da fazenda em S. Salvador da Baía considerando os serviços por ele prestados em "trelladar alguuns liuros e papeis de meu serviço".

Segundo Vasco da Graça Moura, ao voltar a Portugal tornou-se copista da Torre do Tombo onde poderá ter contactado com Damião de Góis e Luís de Camões.

Tal qual você acabou de ver em Ronaldo Vainfas, interessado em desvendar a forma através da qual "a sociedade escravista foi percebida ou recriada por letrados coloniais entre os séculos XVI e XVIII, Mesgravis revisita os cronistas Gabriel Soares de Souza, Pero de Magalhães Gandavo, Ambrósio Fernandes Brandão, José Antônio Andreoni (o Antonil), Luiz dos Santos Vilhena e Henry Koster para reconstituir e entender a sociedade colonial brasileira.

Dos autores citados destacamos os comentários referentes a Antonil e Vilhena. Sobre o primeiro leia-se:

> A sociedade açucareira do Nordeste vista por Antonil tem em seu topo o senhor de engenho do qual dependem econômica, social e politicamente os lavradores que moem as suas canas no engenho com diferentes graus de sujeição e de exploração econômica. [...] Abaixo estão os lavradores arrendatários ou independentes, produtores de suprimento alimentar para o engenho. O segmento assalariado [...] é representado por caixeiros, feitores, meste de açúcar, banqueiros e alguns artesãos livres. (MESGRAVIS, 2011: 44).

Capa do Livro Cultura e Opulência do Brasil de autoria de André João Antonil (Fonte: www.inlivros.net).

Giovanni Antonio ou João Antônio Andreoni, que adotou o nome André João Antonil (Lucca, Toscana, 8 de fevereiro de 1649 — Salvador, 13 de março de 1716) foi um jesuíta italiano.
Formou-se em Direito Civil pela Universidade de Perúgia depois de ali estudar três anos. Aos dezoito anos, em maio de 1667, ingressou na Companhia de Jesus, em Roma, vindo a lecionar ali no seminário jesuíta. O Padre Antônio Vieira admirou-o muito e fê-lo vir para o Brasil em 1681.
Chegou a Salvador, na Capitania da Bahia, em 1681, nunca mais tendo deixado a cidade, onde veio a falecer, em 1716. Aqui exerceu o cargo de Reitor do Colégio por duas vezes, tendo sido o Provincial de 1705 a 1709. Fez breves visitas à Capitania de Pernambuco e à do Rio de Janeiro.
Observador atento, notadamente da economia, escreveu com profundidade e erudição sobre a realidade econômica da Colônia, notadamente a produção de açúcar, de tabaco, sobre a criação de gado e a mineração, embora sobre esta última baseado apenas em informações

de terceiros. Além de apresentar dados sobre a produção, descreveu ainda as técnicas produtivas então utilizadas, comentando as condições de trabalho, sociais e políticas.
Em 1711, publicou em Lisboa a obra Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas, certamente escrita até 1710, com todas as licenças indispensáveis. O livro é considerado o melhor que se escreveu sobre as condições sociais e econômicas do Brasil no início do século XVIII.

Em relação ao outro, escreve:

> as informações de Vilhena se destacam de outros cronistas por serem mais centralizadas na vida urbana de Salvador. As suas descrições e críticas pintam um vigoroso painel dos costumes e do cotidiano de todas as classes – dos ricos senhores de engenho, passando por comerciantes, burocratas, e militares até chegar as humildes quitandeiras, escravas de ganho e prostitutas. (Ibidem: 44).

Finalizando esta aula com os *ASPECTOS DA HISTORIOGRAFIA DA CULTURA SOBRE O BRASIL COLONIAL*, de Laura de Melo e Souza. Para escrevê-lo, declara que o submeteu a critérios e recortes, indicando como seu objeto a produção historiográfica realizada pelos brasileiros. Apesar de achar que não cabe ao historiador definir o que é cultura, ela adota as definições de Carlo Ginzburg ("jaula flexível") e de Clifford Geertz (teia de significados).

Das quatro sessões constantes do artigo, é interessante para esta aula o Balanço dos principais temas constantes das abordagens mais recentes sobre a História da Cultura no Período Colonial: Vale a pena conferir: *Ideologia e Escravidão,* de Ronaldo Vainfas (1986) já comentado; *A sátira e o engenho*, de João Afolfo Hansen (1989) sobre a sociedade baiana e seu universo cultural; *Teatro do Sacramento*, de Alcir Pécora (1994); sobre os sermões de Vieira; *Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798*, de Kátia Mattoso (1969), sobre a influência das ideias francesas, e que depois foi republicado sob o título de *Idéia de Revolução no Brasil.* Tratando dos sistemas de crenças, dos processos do Santo Ofício, indicamos *O diabo e a Terra de Santa Cruz,* da própria Laura de Melo (1986); e por fim, Rosa egipcíaca – uma santa africana no Brasil de Luiz Mott (1993).

CONCLUSÃO

Como se trata de um período recuado da História do Brasil, apontamos caminhos para você se informar e conhecê-lo: 1) lendo textos produzidos pelos letrados que viveram à época; 2) lendo as interpretações de historiadores de hoje sobre as descrições dos letrados do passado; 3) partir de obras de histórias temáticas. Aqui, a cultura e a sociedade foram as selecionadas.

RESUMO

Seja qual for o assunto que se pretenda aprofundar, ou seja, o povo e sua formação, a sociedade, a cultura, a economia, a vida cotidiana, crenças e religiosidades, organização administrativa do Brasil Colônia não há dificuldades. Esta aula comprova que livros de cronistas, de viajantes e de letrados na época permitem a reconstituição através de um exercício de bibliografia.

ATIVIDADES

1. Que obras podem ser analisadas para o estudo do Brasil-Colônia?
2. Que você pode comentar sobre o texto de Ronaldo Vainfas (Ideologia e Escravidão)?
3. Quem são os principais cronistas do Brasil Colonial?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Um exercício muito simples que apenas exige do aluno(a) responder as questões para fixar alguns textos da historiografia colonial ou seja quem relatou e descreveu o Brasil antes da 1ª história oficial.

PRÓXIMA AULA

Em busca de uma História do Brasil para o Brasil.

REFERÊNCIAS

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e Escravidão** (Os letrados e a sociedade escravista no Brasil Colonial). Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

MESGRAVIS, Laima. **A Sociedade Brasileira e a Historiografia Colonial.** In, Historiografia Brasileira em Perspectiva. Marcos Cézar Freitas (org) 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.